

A dimensão afetiva da vestimenta ***The affective dimension of clothing***

Renata Pitombo Cidreira¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

pitomboc@yahoo.com.br

Resumo: o corpo e o corpo vestido expressa nossos humores e o que sentimos mais profundamente, bem como nos abre ao mundo, às coisas e aos outros. Daí a importância da dimensão afetiva da vestimenta. Para além das três categorias já relacionadas ao vestir, o pudor, a proteção e a decoração, independentemente da escala que cada uma ocupa, é preciso reivindicar com mais ênfase o lugar do afeto envolvido na dinâmica do ato de vestir, ou da composição da aparência.

Palavras-Chaves: Corpo, afetividade, vestimenta.

Abstract: The body and the dress body expresses our moods and what we feel most deeply and opens us to the world, to things and others. Hence the importance of the affective dimension of the garment. In addition to the three categories as related to dress, shame, protection and decoration, regardless of scale that each occupies, you need to claim more emphatically the place of the affective dynamic involved in the act of dressing, or the appearance composition.

Keywords: body, affectivity, clothing.

Introdução

Na passagem do século XIX para o século XX, um esboço da sociologia do corpo surge aos poucos com os trabalhos de Georg Simmel sobre o sensorial, as trocas de olhares (1908) ou a fisionomia (1901), bem como nos seus ensaios sobre a moda. A preocupação do autor era de observar os diferentes fatos oriundos da constituição sensorial do homem, os modos de apercepção mútua e suas influências recíprocas na significação para a vida coletiva dos homens e suas relações uns com os outros, uns para os outros e uns contra os outros. “Se nos misturamos em

¹ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), autora dos livros **Os sentidos da moda** (Annablume, 2005) e **A sagração da aparência** (Edufba, 2011), e líder do grupo de pesquisa Corpo e Cultura. E-mail: pitomboc@yahoo.com.br

reciprocidades de ação, isso ocorre antes de tudo porque reagimos uns sobre os outros através dos sentidos, escreve Simmel (1981, p. 225)” (p. 19).

Outra importante contribuição para a reflexão sobre o corpo advém da filosofia, sobretudo da fenomenologia e do trabalho do francês Maurice Merleau-Ponty (1945) que atesta, em última instância, que antes de qualquer coisa a existência é corporal. O autor nos fala do corpo como *sensível exemplar* e revela a reversibilidade entre corpo-mundo: o corpo que vê os objetos “utiliza o seu ser como meio para poder participar do deles, é porque cada um dos dois seres é para o outro o arquétipo, e os corpos pertencem à ordem das coisas assim como o mundo é carne universal” (1994, p. 134). Como percebemos, a dimensão sensorial, o sensível comparece nas preocupações dos dois autores que compreendem o espaço corporal como campo de relações que constituem os órgãos dos sentidos em “órgãos da experiência”, como assinala particularmente Merleau-Ponty (1994, p. 137).

No século XX, destacamos entre os autores que pensaram sobre o corpo, a contribuição de David Le Breton (2007) que articula suas reflexões concentrando-se, sobretudo na dinâmica entre o corpo e a sociedade. Para o autor, do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; “ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator” (p. 07).

Le Breton aponta para a influência do entorno na constituição da modulação corporal do indivíduo, observando que ainda que cada ser humano viva de acordo com seu estilo particular visível, sobretudo, na expressão corporal, há sempre a contribuição dos outros para modular os contornos de universo particular de cada ser e a dar ao corpo o relevo social que necessita. Assim, a expressão corporal individual auxilia no processo de atuação num certo grupo de pertencimento. Como atesta o autor, “(...) o corpo é aqui o lugar e o tempo no qual o mundo se torna homem, imerso na singularidade de sua história pessoal, numa espécie de húmus social e cultural de onde retira a simbólica da relação com os outros e com o mundo” (p. 20), revelando dimensões não apenas culturais, mas também afetivas.

Nesse sentido, o corpo e o corpo vestido expressa nossos humores e o que sentimos mais profundamente, bem como nos abre ao mundo, às coisas e aos outros. Daí a importância da dimensão afetiva da vestimenta. Para além das três categorias já relacionadas ao vestir, o pudor, a proteção e a decoração, independentemente da escala que cada uma ocupa, é preciso reivindicar com mais

ênfase o lugar do afeto envolvido na dinâmica do ato de vestir, ou da composição da aparência. É o que vamos tentar explorar neste artigo com a contribuição fundamental dos autores mencionados acima, entre outros que serão acionados a seguir.

Veste afetiva

De *adfacio* ou *afficio*, que significa pôr numa certa disposição (física ou moral), afetar, tocar, temos tanto *affectus* como *affectio*. A afecção é uma mudança operada por uma causa qualquer na alma ou no corpo e palavra afeto estaria associada a uma afetação que se traduz em afeição, simpatia, amizade, amor, podendo ainda ser traduzida como sentimento. Para compreender sentimento recorreremos a etimologia da palavra em latim *sentio*, da qual deriva *sensus*, que significa órgão do sentido, sensação, sensibilidade, sentimento, maneira de sentir, ou seja, tudo o que se prova nos sentidos e no espírito; paixão, o elemento básico da afetividade. A afetividade, por sua vez, é justamente uma qualidade ou caráter de afetivo, ou ainda, do ponto de vista mais psicológico, conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

A afetividade incorporada nos faz ter acesso ao mundo, uma vez que somos seres sensíveis, suscetíveis à afetação, somos atingidos ou concernidos por algo ou alguém. Ao mesmo tempo, os nossos dispositivos humorais e os nossos sentimentos se exibem corporalmente como já constatamos anteriormente. A vida em sua orientação prática original entrevê o sensível através de coordenadas concentradas no corpo próprio, como esclarece Merleau-Ponty (1994). Nesse sentido, o corpo vestido expressa nossos humores e o que sentimos mais profundamente, bem como nos abre ao mundo, às coisas e aos outros, através dos processos perceptivos e sensíveis. Daí a importância da dimensão afetiva da vestimenta.

Podemos observar três dimensões em que a afetividade da vestimenta se expressa: a) o prazer sensorial que gozamos em contato com determinada roupa; b) a afetividade envolvida em determinadas peças em função dos contextos de uso e as lembranças que evocam e c) o sentimento envolvido na relação entre a roupa

que vestimos e o imaginário que a mesma evoca no outro. Tentaremos, a seguir, detalhar cada uma dessas afetividades que a vestimenta pode nos fazer experimentar.

O prazer sensorial

Desde que se descobriu a possibilidade de revestir a primeira pele, o corpo, com uma segunda pele, a roupa, várias tem sido as experiências no que se refere as texturas, volumetrias, recortes, modelagens, cores etc. Como sabemos, a roupa não é uma experiência apenas visual, mas tátil, sensorial. É essencial manusear os tecidos e testar suas sensações, propriedades e usos no corpo. Somos tocados pela sensação que determinados tecidos e formas suscitam na relação com a nossa pele; as estimulações da pele por pequenas correntes de ar, e as sensações cutâneas que acompanham os movimentos sentidos sobre a pele nua ou através dos tecidos finos e leves, constituem uma fonte de prazer considerável. O tecido, certamente, nas suas mais diversas texturas provoca algum tipo de sensação no contato com a pele que vão desde aspereza, maciez, leveza, deslizamento... Tecidos como cashmere, seda, peles e couro estimulam o tato. Roupas muito justas ou escorregadias podem causar sensações eróticas, por exemplo, como observa Sue Jones (2005).

Outro elemento determinante na dinâmica do vestir e das sensações que pode provocar no corpo daquele que veste uma determinada peça de roupa é a cor. Nós reagimos emocionalmente e fisicamente às cores; até porque existe uma série de convenções sociais e significados simbólicos associados às cores, em função de contextos culturais que fazem com que tenhamos certas reações e não outras.

No seu estudo sobre as cores, o historiador e antropólogo francês Michel Pastoureau (2005) nos revela, por exemplo, a força que o vermelho, o branco e o preto tem na nossa cultura. Ele afirma estas três cores eram consideradas como básicas e nas grutas paleolíticas se empregavam estas cores para as representações dos animais. Ele observa que o vermelho é uma cor que se impõe em relação as demais e sua supremacia é incontestável. O vermelho está associado ao poder e, conseqüentemente, a religião e a guerra, reenviando ao fogo e ao sangue, dois elementos onipresentes em toda a sua história. “O vermelho fogo é a vida (...), mas é também a morte, o inferno, as chamas de Satã. O vermelho sangue,

é aquele derramado por Cristo, a força que purifica e santifica, mas ao mesmo tempo, simboliza o pecado e as impurezas dos tabus bíblicos” (2005, p. 33), revela Pastoureau. Além disso, o vermelho também é associado ao erotismo e a paixão.

O branco, por sua vez, está presente no nosso imaginário como uma cor que representa a pureza e a inocência. Esta simbologia está presente nas sociedades europeias, na África e na Ásia. E a oposição do branco ao vermelho da guerra também é algo quase universal e que se mantém no tempo, conforme Pastoureau. Outros valores como virgindade, serenidade e paz também estão contidos na cor branca. A associação do branco a pureza e a limpeza é muito forte na nossa cultura. O branco é considerada a luz primordial, a origem do mundo, o começo dos tempos. É também a cor da sabedoria e da paz interior.

O preto, por seu turno, é irremediavelmente ligado a morte, ao pecado, aos aspectos negativos e “esta dimensão é onipresente na Bíblia” (2005, p.95), revela Pastoureau. Associado a terra, entre os quatro elementos, o preto está ancorado no mundo subterrâneo. “Mas existe igualmente um preto mais respeitável, aquele da temperança, da humildade, da austeridade, aquele que foi incorporado pelos monges e se impôs pela Reforma” (2005, p.95), que declarou guerra aos tons vivos e professou uma ética de austeridade e sombra que também se alastrou entre os reinados e principados. Não por acaso, Lutero e Charles V se vestiam de preto. Vale chamar a atenção para o fato de que nem sempre o preto está associado a morte, como na Ásia, por exemplo. Além disso, reconhecemos o preto do chique e da elegância do mundo contemporâneo.

Presentes no nosso imaginário, essas simbologias se reforçam e, de algum modo, são muitas vezes acolhidas no nosso corpo, e exteriorizam esses sentidos, bem como outros possíveis. De todo modo, ressaltamos essa capacidade significativa e afetiva das cores que vestem a nossa primeira pele.

Memória afetiva

Não é raro lembrarmos da roupa que estávamos vestindo num momento marcante das nossas vidas: a minissaia vermelha da primeira matinê, o longo vestido azul daquele reencontro amoroso, o clássico tubinho preto e branco de uma despedida... Guardamos, inclusive, muitas peças pela lembrança que nos suscitam e pelos sentimentos que nos evocam.

As roupas guardam algo de cada um de nós, pois como diria Stallybrass “(...) a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma”, ao que acrescenta: “As roupas recebem a marca humana” (STALLYBRASS, 2004, p. 10/11). E esse acolhimento faz com que elas tenham a capacidade de presentificar uma ausência, daí sua dimensão imaginária e afetiva. E também a sua relação com a memória.

De acordo com as observações do historiador Jacques Le Goff (1990), psicanalistas e psicólogos insistem em afirmar que tanto na âmbito da recordação, quanto do esquecimento, é determinante o mecanismo das manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, ou mesmo a censura exercem sobre a memória individual (p. 368). Ao recordar, sobretudo, reorientamos sentidos, ressignificamos sentimentos e novas narrativas são, então, constituídas.

Ainda no século XX a concepção da memória se expande no campo da filosofia e da literatura. Em 1896 Bergson publica *Matière et Mémoire* e considera central a noção de "imagem", na encruzilhada da memória e da percepção. Numa análise das deficiências da memória (amnésia da linguagem ou afasia) “descobre, sob uma memória superficial, anônima, assimilável ao hábito, uma memória profunda, pessoal, ‘pura’, que não é analisável em termos de ‘coisas’ mas de ‘progresso’” (1990, p. 406) e de concatenações, e as imagens que formamos são fundamentais para essa rememoração, passando pelo afeto.

De todo modo, o que procuramos ressaltar, juntamente com as palavras de Le Goff é o fato de que a memória é “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (1990, p. 410). E também nas vestes, nas suas imagens, cheiros, texturas, podemos reconstituir identidades, ainda que fragmentárias, flexíveis, distantes...

Transcrevemos, a seguir, trechos do conto Caso de Vestido de Carlos Drummond de Andrade que nos parece ilustrar com maestria essas características das roupas. Neste caso, em particular, a vestimenta passa a ser um símbolo marcante de uma triangulação amorosa, marcada por vaidade, traição, resignação, dor e muito amor, além de destacar aspectos das convenções sociais.

Trecho do conto **Caso do Vestido de Carlos Drummond De Andrade**

(...) Nossa mãe, disse depressa
que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não o veste.

O vestido, nesse prego,
está morto, sossegado.

Nossa mãe, esse vestido
tanta renda, esse segredo! (...)

...

(...) Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito

de ofender dona casada
pisando no seu orgulho.

Recebi esse vestido
e me dai vosso perdão.

(Parte integrante de *A Rosa do povo*, publicada em 1945.
Trecho extraído de **Obra Completa**, 1967, p.165-169)

Nesse conto o vestido aparece como memória de um tormento, de um momento de dor. Há, no conto, toda uma tensão social em relação ao sentimento do amor que se incarna na figura do vestido. Como observa Aroldo Pinto (2006) o vestido, no poema, é o símbolo da ameaça às relações do grupo. “É o indivíduo num embate com as convenções sociais” (p. 4). Além disso, a veste destituída da sua corporeidade, presa na parede como um objeto a ser contemplado, promove outras interpretações.

Se no passado o vestido estava vivo, agora ele não veste mais, pois “o corpo ficou frio” e, ainda, “está morto, sossegado”. Além disso, o vestido está “no prego”. Ora, não é difícil fazermos uma ligação com o maior representante do Cristianismo, a figura do

Cristo crucificado, pois, da mesma forma que aquele representante máximo do catolicismo, o vestido está “no prego” como que para a remissão dos pecados que a pecadora cometera no passado. Enfim, o vestido passa a ser o troféu da vergonha e, ao mesmo tempo, da redenção, estabelecendo uma tensão que desnuda o embate entre a convenção social e a complexidade do “amar”, por meio da carga simbólica que carrega em suas diferentes acepções. (PINTO, 2006, p. 6)

De todo modo, o que a leitura do poema nos sugere, em última instância, é o papel e a importância da carga afetiva da vestimenta, e da sua capacidade de presentificar uma ausência, conforme assinalamos anteriormente. É uma memória que se atualiza pela imagem e pela forma específica do vestido, da sua cor e textura, já corroídos pelo tempo...

O imaginário do outro

Todas as relações entre os homens repousam sobre o fato de que sabemos coisas uns sobre os outros. As relações comportam nuances pessoais que tem uma certa intensidade, uma coloração particular na medida em que cada parte se releva ao outro por suas palavras, por seus gestos, por sua vida, enfim. É claro que às vezes nos equivocamos, prejudgamos, pois jamais se pode conhecer o outro absolutamente, mas de todo modo é necessário constatar a presença de certas tendências, recorrências e qualidades mais ou menos típicas que estabelecem um solo familiar em que se constituem as relações entre os seres humanos. Esse imaginário que recobre as relações é influenciado, certamente, pelas relações concretas que temos, na suas dimensões prática e sensível.

É nesse circuito de reciprocidade que mesmo os nossos sentimentos mais particulares, como as emoções de prazer, alegria, tristeza, poder, sensualidade etc. se conformam em função de aspectos imaginários e de pressuposições que temos. A suposta resposta do outro em função deste ou daquele comportamento é que me induz, muitas vezes, a agir de tal maneira. Assim também no universo vestimentar experimento o sentimento envolvido na relação entre a roupa que visto e o imaginário que a mesma evoca no outro, de acordo com o que imagino.

Alvo de muitas relações de poder, o corpo com sua segunda pele é, por vezes, marcado, modelado, fraccionado, sugerindo significações as mais diversas e mesmo investimentos disciplinares. O apelo erótico do espartilho pode ser relacionado ao ‘mistério da mulher’, por exemplo, associando o corpo feminino a uma armadura, a algo impenetrável, mas ao mesmo tempo, pode significar aprisionamento e disciplina. Assim percebe-se que o simbolismo do espartilho é bastante complexo e que habita os imaginários feminino e masculino, mesmo nos dias de hoje, com sua capacidade de modelação corporal.

Também o vestido vermelho, com modelagem justa, fendas e transparências que favorecem as formas corporais e que está, de alguma maneira, associado ao imaginário do corpo sensual, do corpo provocativo e que suscita o desejo do outro, faz com que se experimente a sensação de bem-estar com a aparência. Sente-se prazer por suscitar o prazer do outro. Além de prazer, ainda pode-se experimentar uma sensação de poder, na medida em que a mulher se capaz de arrancar suspiros de admiração, uma vez que o vestido vermelho a faz bela, sedutora, desejanse...

O salto alto também é um desses artefatos que evoca autoconfiança, poder, entre outros atributos. Ao aumentar a estatura das pessoas, os sapatos ou sandálias de salto alto podem significar *status* elevado e, sem dúvida, estão associados à feminilidade, mas também podem ser considerados como uma arma, e um ferimento. Como sustenta Valerie Steele ao citar High Heels (1962), “o pé se torna uma arma misteriosa que ameaça o homem passivo; e ele se envaidece de ser assim conquistado. (...) O sapato de salto significa poder. Indica dominação” (Heels apud Steele, 1997, p. 108).

Laços emocionais: considerações finais

Gostaríamos de assinalar, assim, a possibilidade que as roupas tem de revelar ou esconder certas disposições humorais das pessoas. Os sentimentos de alegria, tristeza, confiança, autoestima, comedimento, espontaneidade, retraimento podem ser inferidos por um simples olhar. Como astutamente assimilou Simmel (1989), evocando a natureza *gestáltica* do ato perceptivo, ao olhar alguém apreendo seu estado de espírito e seu modo de ser: “o que nos é dado, é a compreensão imediata de sua individualidade tal qual nos mostra sua aparição e sobretudo sua figura” (p.229). E, como vimos, essa aparição se dá, quase sempre, com a presença

da vestimenta. O que se dá a conhecer, na realidade, com as vestimentas, é a impossibilidade de se reduzir a corporeidade humana a seu puro fato anatômico. Ao mesmo tempo, as roupas e a moda, na sua reinvenção constante, constroem o homem a aparecer diferentemente do que ele é, o impedem de se constituir de um único modo.

Numa tentativa de elucidação da dimensão afetiva das vestes, John Flugel (também no início do século XX) desenvolve alguns argumentos em torno do ensaio *Sobre o valor afetivo das roupas*², que nos auxilia no desenvolvimento de algumas dessas ideias, ainda que numa vertente diferenciada, de inspiração psicanalítica. Ele examina outras funções do trajar, além da proteção, da decoração e do pudor. Segundo o autor, a roupa cobre a nudez, protege contra a vergonha e causa no corpo uma “segunda pele”. A incidência psíquica do mercado da moda sobre os indivíduos é também examinada do ponto de vista do superego e do ideal do eu.

Do ponto de vista histórico e de gênero, o autor observa, por exemplo, que a história do vestir mostra que as tendências afetivas que se exprimem pelas roupas sofreram, entre os homens, uma grande inibição no fim do século XVIII – uma inibição que só começa a sofrer alterações significativas no decorrer do século XX. Até então, embora a mulher possuísse a vantagem especial do reforço recíproco da roupa e da nudez parcial (como nos vestidos decotados), não havia aí grande diferença entre os dois sexos no que concerne à qualidade decorativa das próprias roupas. A partir do século XVIII, o traje masculino tornou-se sombrio, monótono, uniforme, e ainda hoje, em pleno século XXI não recuperou a exuberância e alegria que um dia já teve. Na opinião de Flugel, embora a maioria dos autores expliquem esse fenômeno a partir de questões sociais, ele insiste em afirmar que fatores afetivos foram fundamentais para este tipo de inflexão que a vestimenta masculina sofreu.

Nessa mesma direção, concluímos parcialmente nossa reflexão, afirmando que as roupas estabelecem laços emocionais entre as pessoas, como atesta esta citação recuperada por Mauro Mendes Dias:

² *De la Valeur affective du Vêtement*, publicado em *Revue Française de Psychanalyse*, 1929, p. 309. Tradução de Izabel Haddad. Dotado de uma personalidade inquiridora e pouco convencional, Flugel encontrou na psicanálise subsídios para suas investigações sobre questões morais e sociais. Desde as descobertas de Freud acerca da interferência da moralidade sexual na etiologia das neuroses, as implicações éticas e sociais da teoria psicanalítica se tornaram determinantes nas pesquisas de Flugel. Sua obra mais conhecida, *Homem, morais e sociedade*, foi publicada em 1945. Flugel escreveu também *A psicologia das roupas*, publicado em Londres, em 1930.

O pano estendido entre minha mãe e mim nos tornava cúmplices silenciosas de um destino ainda não cumprido e de uma vida subterrânea que não se expressava em palavras.(...) Buscávamos, no bordado, um mundo situado muito além da sala de visitas, contido num universo que só a nós dizia respeito. Nossa viagem era bem diferente da empreendida por Marco Polo. Preenchíamos, com as mãos, rios e quiosques, gueixas portando sombrinhas de inacreditável delicadeza (JARDIM Apud DIAS, 1997, p. 102).

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. Caso do vestido (parte extraída de *A Rosa do povo* (1943-1945). In COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1967.

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

DIAS, Mauro Mendes. **Moda divina decadência: ensaio psicanalítico**. São Paulo: Hacker Editores, Cespuc, 1997.

FLUGEL, John. Sobre o valor afetivo das roupas In **Psychê**. São Paulo v.12, n.22, jun. 2008. (versão impressa ISSN 1415-1138), encontrado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=...

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion Design: manual do estilista**. São Paulo: Cosak & Naify, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.].Campinas, SP: Editora da UNICAMP, (Coleção Repertórios), 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PASTEUREAU, Michel e SIMONET, Dominique. **Le petit livre des couleurs**. Paris: Édition du Panama, 2005.

PINTO, Aroldo José Abreu. “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade: um hiato entre a convenção e a realidade. In **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**. Publicação Científica da Associação Cultural e Educacional de Garça. São Paulo, Ano IV, Número 07, janeiro de 2006 - Semestral - ISSN 1678-300X.

SIMMEL, Georg. **Philosophie de la modernité: la femme, la vie, l'individualisme**. Tradução de Jean-Louis Vieillard-Baron. Paris: Éditions Payot, 1989.

SIMMEL, Georg. **La parure et autres essais**. Tradução de Michel Collomb, Philippe Marty et Florence Vinas. Paris : Édition de la Maison des Sciences de l'homme, 1998.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STEELE, Valerie. **Fetichismo: moda, sexo & poder**. Tradução de Alexandre Abranches Jordão. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.